

Nesta coletânea de cutiladas, Wilson instalou um palanque e um microfone para os ridículos discursos do Poder. Não importa sua orientação — direita ou esquerda, verde-amarelo ou vermelho —, o Poder foi, é e será sempre o mesmo leviatã onívoro das lendas selvagens.

Se não podemos com o facínora, podemos ao menos tirar sarro dele, cutucando seu cu com vara curta, dando umas lambadas na nádega. É o que Wilson e sua gangue de vingadores — Joyce, Kafka, Oswald, Coltrane, Rosa, Lorca, orixás, pajés etc. — fazem em O pau do Brasil. Pra nos redimir e divertir. Golpes cortantes contra o golpe reinante.

Nossa primeira distopia do Terceiro Milênio tropical. Leitura tão necessária quanto foi a leitura dos romances *Não verás país nenhum* (Ignácio de Loyola Brandão) e *Adaptação do funcionário Ruam* (Mauro Chaves) no final do milênio passado.

— **Valerio Oliveira**

É um livro difícil de ser descrito: uma coletânea de fragmentos (ele chama, com muito sentido, de poemas) de muitas origens e gêneros diferentes, fazendo uma espécie de painel oswaldiano da nossa degradação contemporânea. (...). Eu recomendo muito.

— **Ricardo Lísias, escritor**

Diante de um país travestido numa babel de vozes dissonantes, na encruzilhada de um destino que não oferece outra alternativa senão a tentativa desesperada de fugir ao caos e renascer, como Fênix, dos escombros de que somos vítimas, esse livro é uma insurgência e também um farol.

— **Ronaldo Cagiano, Correio Braziliense**

Nossa primeira distopia do Terceiro Milênio tropical. Leitura tão necessária quanto foi a leitura dos romances *Não verás país nenhum* (Ignácio de Loyola Brandão) e *Adaptação do funcionário Ruam* (Mauro Chaves) no final do milênio passado.

— **Valerio Oliveira, poeta**

O pau do Brasil é livro polêmico de nascença. (...). Lenha na fogueira que já vai com fogo alto. O autor é contundente, ferino e não tem papas na língua! Traduz a indignação e a revolta de milhões e milhões de brasileiros que estamos nessa situação vexatória de baderna geral.

— **Krishnamurti Goes dos Anjos, Cronópios**



editoraurutau.com.br

WILSON ALVES-BEZERRA

O PAU DO BRASIL

O —

O PAU DO BRASIL

wilson
alves-bezerra

O —

[terceira edição expandida]

Navega na web, na tevê, afundando todos os pontos e portos da Idade Mídia, a navilouca dos libertinos liberais.

A cena política tupiniquim está em chamas. Desde o arrefecimento da Ditadura Militar e da expansão do movimento Diretas Já que não assistíamos a um espetáculo tão radical. Nas ruas, nos jornais e nas redes sociais não existe meio-tom. Não há o menor espaço para a contemporização.

A guerra é maniqueísta. Obscena. Porque, você sabe, “no Brasil a vida pública é muitas vezes a continuação da privada” (Barão de Itararé). Enquanto os maus e os piores se enfrentam na Capital Federal, trapaceando na dança das cadeiras, os trouxas — nós — saímos no tapa com o vizinho que torce para outro time ideológico e idolatra outro deus fedorento e corrompido.

Os poemas urgentes de Wilson Alves-Bezerra denunciam essa cena em chamas, esse circo de horrores que é a nossa fascista-machista-racista democracia.

Tempos atrás, André Breton explicou que o ato surrealista mais simples consiste em sair à rua empunhando revólveres e atirar a esmo contra a multidão de cretinos. Mas essa multidão cresceu e espalhou-se tanto, no último século, que não dá mais pra sair à rua abatendo um por um. A opção mais eficaz é o armamento químico da melhor poesia-ironia, que de vasta por atacado.

